

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

LUZA MAI MARQUES SECKLER

**UMA PROPOSTA ALTERNATIVA PARA O ENSINO DA FONÉTICA:
PRODUÇÃO DE VIDEOCLIPES COM A TRANSCRIÇÃO FONOLÓGICA DA
MÚSICA POPULAR BRASILEIRA**

PORTO ALEGRE

2010

LUZA MAI MARQUES SECKLER

**UMA PROPOSTA ALTERNATIVA PARA O ENSINO DA FONÉTICA:
PRODUÇÃO DE VIDEOCLIPES COM A TRANSCRIÇÃO FONOLÓGICA DA
MÚSICA POPULAR BRASILEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

Orientadora: Ms. Paloma Dias Silveira

Porto Alegre

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Aldo Bolten Lucion

Diretora do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação: Prof^a Rosa Maria Vicari

Coordenadoras do curso de Especialização em Mídias na Educação: Prof^{as}. Rosa Vicari e Liane Margarida Rockenbach Tarouco

SUMÁRIO

RESUMO	5
INTRODUÇÃO	6
1 LIVROS DIDÁTICOS E O ENSINO DA FONÉTICA	10
1.1 Propostas para o ensino da fonética nos livros didáticos	12
1.1.1 1ª Proposta.....	13
1.1.2 2ª Proposta.....	15
1.2 Análise das propostas dos livros didáticos	17
2 USO DAS MÍDIAS NA EDUCAÇÃO	22
2.1 O videoclipe no ensino da fonética	23
2.1.1 Atividades realizadas pelos alunos.....	24
2.2 A importância da música para a formação do educando	25
3 UMA PROPOSTA ALTERNATIVA PARA O ENSINO DA FONÉTICA: A PRODUÇÃO DE VIDEOCLIPES COM A TRANSCRIÇÃO FONOLÓGICA DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA	27
3.1 Objetivos da proposta	27
3.2 Desenvolvimento da proposta	28
3.3 Reflexões sobre o trabalho com a língua	34
CONCLUSÃO	38
REFERÊNCIAS	40

RESUMO

As propostas de trabalho para o ensino da Fonética, oferecidas pelas gramáticas e pelos livros didáticos, privilegiam as exposições teóricas (orais e escritas), trazendo os conceitos prontos, de forma fragmentada e muito distante da realidade dos nossos alunos, levando-nos à constatação de que a metodologia que está sendo aplicada e aquilo que está sendo ensinado não têm significado para vida prática dos educandos. O presente trabalho visa discutir estas questões do ensino da fonética e apresentar uma proposta alternativa para o ensino da fonética no 1º ano do Ensino Médio. Esta proposta envolve a produção de videoclipes que contenham a transcrição fonológica das letras da MPB (Música Popular Brasileira), com apoio das novas mídias digitais como ferramentas motivadoras e auxiliares para a construção do conhecimento em sala de aula.

Palavras-chave: Fonética - Ensino Médio - Mídias

INTRODUÇÃO

Tema: *Uma Proposta Alternativa para o Ensino da Fonética: Produção de Videoclipes com a Transcrição Fonológica da Música Popular Brasileira*

Origem e Proposição do Problema: A forma tradicional, fragmentada e dissociada da vida como o estudo da fonética têm sido realizado nas escolas, não tem contribuído para o aprendizado de nossos alunos. A metodologia de trabalho realizada pela maioria dos professores de Língua Portuguesa é baseada nas propostas existentes nos livros didáticos. As exposições teóricas e escritas, as listas intermináveis de exercícios a serem realizados pelos alunos, e depois a reprovação destes nas avaliações, nos levam à constatação de que a metodologia aplicada, e aquilo que está sendo ensinado não têm significado para eles, que ficam sem saber PARA QUE estudar Fonética e ONDE aplicar este conteúdo. Este trabalho apresenta então, uma proposta alternativa para o ensino da fonética, com a utilização das novas mídias educacionais na produção de "videoclipes" que contenham a transcrição fonológica das letras da música popular brasileira.

Justificativa e relevância para a área de Língua Portuguesa: Ao longo de uma trajetória como professora de Língua Portuguesa, a pesquisadora observou que as propostas de trabalho, apresentadas pelas gramáticas e pelos livros didáticos, para o ensino da Fonética em sala de aula, não produziam bons resultados quanto à compreensão deste conteúdo por parte dos alunos, bem como à aplicabilidade do mesmo fora da escola.

Levando-se em consideração que todo aprendizado não pode estar dissociado da vivência e da experiência do educando, o ensino da Fonética não pode resumir-se à exposição oral, leitura e cópia de páginas e páginas de teoria sobre o assunto; também, à verificação do aprendizado através de listas

intermináveis de exercícios escritos, como é o caso das propostas apresentadas nas gramáticas e nos livros didáticos, disponíveis nas escolas.

No Ensino Fundamental, o ensino da fonética limita-se à apresentação teórica de alguns conceitos - fonética, vogal, semivogal, hiato, ditongo, tritongo, dígrafo, encontro consonantal - sem aprofundar ou estabelecer as diferenças fundamentais entre a linguagem oral e a escrita. Logo após, são aplicados exercícios e testes existentes nos livros didáticos.

No Ensino Médio, a metodologia aplicada pela maioria dos professores continua sendo a mesma do Ensino fundamental; porém, os alunos, mais questionadores nesta fase, perguntam PARA QUE serve estudar Fonética e ONDE irão aplicar esses conteúdos na sua vida prática. Responder a eles, simplesmente, que irão precisar futuramente ao prestar um concurso público, ou para passarem num vestibular, pode ser motivador, mas NÃO É argumento suficiente para justificar "tantas horas" dedicadas ao estudo sobre algo que só terá validade nesses dois momentos específicos que exemplificamos. Alguns alunos não farão vestibular e nem prestarão concurso.

ONDE está o **verdadeiro significado** para esse aprendizado?

E foi justamente esta pergunta dirigida à autora da pesquisa, feita por uma aluna do 1º ano do Ensino Médio, durante uma aula de fonética, que a fez refletir sobre o assunto. Ao "tentar" explicar a ela os "benefícios" que uma aula de fonética poderia lhe trazer no futuro, e não ali, naquele momento da sua vida, caiu em contradição e percebeu que a sua justificativa, a forma e a metodologia que estava usando, não estavam de acordo com uma proposta pedagógica integrada com a vida dos educandos, que tivesse algum significado para eles.

Até então, seguia os modelos tradicionais vigentes para o ensino da fonética, utilizando o material disponível nos livros didáticos e jamais questionara as propostas oferecidas por esse material, ou analisara e refletira sobre O QUE ou COMO estava trabalhando. Sentia naquele momento que o seu papel como EDUCADORA estava em "crise". Vivía um conflito: Se não conseguia fazer com que o seu aluno compreendesse a importância do que estava ensinando, então PARA QUE ensinar? O QUE fazer? COMO fazer?

Foi na busca das respostas para estas perguntas que teve origem "Uma Proposta Alternativa para o Ensino da Fonética: Produção de Vídeos com a Transcrição Fonológica da Música Popular Brasileira".

Ao invés de levar os conceitos prontos aos alunos, teria de criar uma forma para que eles construíssem o próprio conhecimento. Sabendo do interesse e do envolvimento dos nossos jovens por CD's, DVD's e videoclipes de músicas, e da grande variedade de estilos oferecida pelos diferentes meios de comunicação, partir da "transcrição fonológica" de uma música faria com que num primeiro momento os alunos percebessem a diferença entre a língua oral e a língua escrita. Depois gradativamente os alunos iriam descobrindo, através da análise das relações entre os sons e o código linguístico, outros aspectos fonéticos.

Na produção dos "videoclipes" os alunos estariam desenvolvendo diversas habilidades e competências e construindo o seu próprio conhecimento, no seguinte processo:

- Através da pesquisa na internet, em grupo ou individual, de letras e de vídeos de músicas populares brasileiras, os alunos estariam conhecendo a cultura musical de diferentes estados brasileiros;
- Entrariam em contato com diferentes níveis de linguagem: culto, coloquial, regional, gíria etc, presentes nas músicas e compreenderiam que a linguagem varia no tempo e no espaço e de acordo com a situação linguística;
- Ao transcrever as letras das músicas estariam familiarizando-se com os símbolos linguísticos que representam os sons da fala e percebendo que a linguagem oral varia de região para região, de falante para falante, e que no caso da música, os fonemas podem variar também quanto ao ritmo e ao estilo da canção; e quanto ao timbre e à tonalidade do cantor. Ex: uma ópera para ser executada vai necessitar de um indivíduo com a voz apropriada, com os recursos sonoros exigidos para esse tipo de música;
- Na busca de imagens adequadas para a música escolhida, ou da filmagem que poderia realizar, do uso de um programa ou software adequado para a produção do vídeo, estaria apropriando-se da utilização das novas tecnologias ampliando assim os seus conhecimentos nesta área.

Este trabalho pretende, portanto, oferecer aos professores de Língua Portuguesa que atuam no 1º ano do Ensino médio, uma proposta alternativa para o ensino da fonética que esteja relacionada ao cotidiano dos nossos alunos, às suas experiências, utilizando as letras de suas músicas favoritas e de outros gêneros. O seu desafio investigativo é sustentar a ideia de que é possível dar um significado

para a aprendizagem deste conteúdo, trabalhando de forma contextualizada, ajudando os alunos a construir os conceitos e tornando as aulas mais atraentes e motivadoras com a utilização do computador como ferramenta para a produção de vídeos em sala de aula.

1 LIVROS DIDÁTICOS E O ENSINO DA FONÉTICA

O presente capítulo tem por finalidade analisar duas propostas de trabalho para o ensino da fonética, existentes em dois livros didáticos de Língua Portuguesa para o Ensino Médio: “Língua e Literatura”, de Faraco e Moura¹ e “Curso Prático de Português: Literatura, Gramática e Redação”, de Luís Agostinho Cadore².

Entende-se aqui como “livro didático” de Língua Portuguesa um material impresso e estruturado sequencialmente com os conteúdos da área, para ser utilizado como recurso pedagógico auxiliar no processo ensino aprendizagem em sala de aula.

Não será discutido aqui a boa ou a má escolha dos livros didáticos de Língua Portuguesa para o Ensino Médio, que é feita, na maioria das vezes, pelos professores e pela escola, sem nenhum preparo ou análise mais aprofundada do seu conteúdo, através de catálogos enviados por editoras ou por exemplares doados pela Secretaria Estadual de Educação. O que se pretende discutir é que a maioria dos livros didáticos seguem a mesma linha de trabalho no que se refere ao ensino da fonética, não deixando muitas alternativas para os educadores que não estiverem satisfeitos com as metodologias apresentadas comumente nestes livros.

Os livros didáticos têm sido, na maioria das vezes, os únicos materiais utilizados pelos professores de Língua Portuguesa para trabalhar o conteúdo de fonética, em sala de aula, com os seus alunos. Existem poucos materiais disponíveis nessa área e faltam propostas alternativas que fujam dos padrões repetitivos, limitados e tão condicionados às estruturas das gramáticas.

Os livros didáticos aqui analisados apresentam basicamente a mesma estrutura quanto à divisão dos capítulos e aos assuntos abordados em cada um

FARACO, Carlos Emílio & MOURA, Francisco Marto. *Língua e literatura*. 3.ed. São Paulo, Ática, 1995.
CADORE, Luís Agostinho. *Curso prático de português*. 3 ed. São Paulo, Ática, 1995.

deles. Cada capítulo é dividido em partes totalmente distintas e isoladas, como se não fosse possível relacionar cada uma dessas partes que compõem o estudo da língua: Literatura, Gramática, Redação e etc.

Observe os exemplos retirados dos sumários dos livros em estudo, da parte que trata sobre a fonética.

Exemplo 1:

Livro: “Curso Prático de Português” de Luís Agostinho Cadore.

SUMÁRIO

...

VI – NARRATIVA LONGA: ROMANCE E NOVELA, 60

Texto: A morte da jaguarana (Mário Palmério), 60

1. Romance, 62

2. Novela, 62

REVISÃO GRAMATICAL – Fonética (2)

Exemplo 2:

Livro: “Língua e Literatura” de Faraco e Moura

SUMÁRIO

...

CAP. 2 – FUNÇÕES DA LINGUAGEM

I – Textos – Sabiá – Emplastro medicinal , 25

II – Comunicação – Funções da Linguagem, 28

III – Gramática – Fonética , 35

IV – Redação – Adequação da Linguagem ao Contexto , 39

Como se pode verificar no exemplo acima (2), a parte que trata sobre fonética é um tópico do capítulo “Funções da Linguagem”, mas no seu desenvolvimento não há qualquer relação com as partes anteriores: *Textos*, *Comunicação*; ou posteriores: *Redação*, apresentando cada parte isolada, como se não fosse possível trabalhar

texto, gramática e redação de forma contextualizada.

Os capítulos que tratam sobre “fonética”, nos livros didáticos citados acima, iniciam com um breve conceito sobre fonética e depois apresentam uma série de outros conceitos, exemplificando cada um deles, até chegarem a uma série de exercícios para serem resolvidos pelos alunos. Nesse contexto, o professor ao utilizar essas propostas, que privilegiam a memorização de conceitos, torna-se um mero reproduzidor de conteúdos, não deixando a oportunidade ao aluno de construir o próprio conhecimento, vivenciando a aprendizagem, transformando-se através dessa experiência, ampliando a sua visão de mundo e mudando a sua realidade.

Para Rogers (1985), ensinar é mais que transmitir conhecimento, é despertar a curiosidade, é instigar o desejo de ir além do conhecido. É desafiar a pessoa a confiar em si mesmo e dar um novo passo em busca de mais. É educar para a vida e para novos relacionamentos. Rogers combate a aprendizagem do tipo “tarefas”, que só utiliza as operações mentais, não considerando o indivíduo como um todo. Esse tipo de aprendizado não tem significado e é esquecido com o tempo, pois não tem relevância com os sentimentos, as emoções e sensações do educando, e não provoca uma curiosidade que leve o indivíduo a aprofundar mais e mais.

É preciso que o aluno ao estudar fonética possa responder a indagação: Por que aprender fonética? E o professor: Para que ensinar fonética?

Todo conteúdo da aprendizagem deve ser ampliado para além da questão DO QUE ENSINAR, encontrando sentido na indagação sobre POR QUE ENSINAR (ZABALA, 1998). A prática pedagógica para ser eficiente e efetiva deve estar impregnada de significado tanto para o professor quanto para o aluno.

Na busca desse significado é que se pretende analisar a forma como esse conteúdo é abordado nos livros didáticos de Língua Portuguesa para o Ensino Médio, e levantar algumas reflexões sobre os resultados dessa aplicação em nossas escolas.

1.1 Propostas para o ensino da fonética nos livros didáticos

Para fazer uma reflexão acerca de como o conteúdo de fonética é abordado nos livros didáticos, optou-se por transpor aqui fragmentos de dois livros de Língua Portuguesa para o Ensino Médio, bastante utilizados nas escolas: *Língua e Literatura*, dos autores Faraco e Moura e *Curso Prático de Português: Literatura*,

Gramática e Redação, de Luís Agostinho Cadore. Abaixo seguem os fragmentos transcritos literalmente a partir dos livros (seção 1.1.1 e 1.1.2).

1.1.1 1ª Proposta

Livro: LÍNGUA E LITERATURA.

Autores: FARACO & MOURA

Volume Único 2º Grau - Unidade 2 - Páginas 36 a 40.

Fonema e letra

1) O fonema não deve ser confundido com a letra. Na língua escrita, representamos os fonemas por meio de sinais chamados letras. Portanto, letra é a representação gráfica do fonema. Na palavra só, por exemplo, a letra s representa o fonema /s/ (lê-se se); já na palavra asa, a letra s representa o fonema /z/ (lê-se zê).

2) Às vezes, o mesmo fonema pode ser representado por mais de uma letra do alfabeto. É o caso do fonema /z/, que pode ser representado pelas letras z, s, x:

Z azeite

S casa

X exato

Classificação dos fonemas

Existem três tipos de fonemas em português: vogal, semivogal e consoante.

1) Vogal – A vogal é o fonema que sai livremente pela boca, não encontrando nenhum obstáculo à passagem do ar pelo aparelho fonador. Na produção das vogais, a boca fica aberta ou entreaberta.

a) orais – quando o ar sai somente pela boca: /a/, /e/, /i/, /o/, /u/

b) nasais – quando o ar sai pela boca e pelas fossas nasais: /ã/, /õ/...

2) Semivogal – os fonemas /i/ e /u/, algumas vezes, não são vogais. Aparecem apoiados em uma vogal, formando com ela uma só emissão de voz (uma sílaba). Nesse caso os fonemas são chamados de semivogais.

m E U

p A I

v sv

v sv

3) Consoante – é o fonema produzido graças aos obstáculos que impedem a

livre passagem do ar. Como o próprio nome indica, a consoante vai soar junto com a vogal (com + soante). Exemplos: /b/, /t/, /d/, /v/, /l/, /m/ etc.

Encontros vocálicos

1) **DITONGO** - é o encontro de uma vogal com uma semivogal na mesma sílaba. Pode ser:

- a) *crescente* – quando a semivogal vem antes da vogal: sé-ri*e*
- b) *decrecente* – quando a vogal vem antes da semivogal: v A l, p A l
- c) *oral* – quando o ar sai pela boca: pAl, sé-riE
- d) *nasal* – quando o ar sai pela boca e pelas fossas nasais: mÃE

TRITONGO – É o grupo formado por semivogal + vogal + semivogal numa só sílaba.

i-gUAis

2) **HIATO** - É o grupo de vogais em sílabas separadas.

pO-E-sI-A

Encontros consonantais

Encontro consonantal é a sequência de duas ou mais consoantes numa mesma palavra, representando cada uma delas um fonema distinto. Exemplos:

BRasil nú**CL**eo **TR**igo li**VR**o **PR**ato **PI**aca

DÍGRAFOS

Dígrafo é o conjunto de duas letras que representam um só fonema. São dígrafos:

CH: Chuva	SS: paSSar	SC: naSCer
LH: teLHa	QU: aQUele	SÇ: deSÇa
NH: niNHo	GU: Guia	XC: eXCelente

Também são considerados dígrafos os grupos que representam as vogais nasais:

AM: cAMpo	IM: Impar	ON: ONda
NA: cANtar	IN: IINdo	UM: atUM
EM: Embora	OM: bOMba	UM: profUNdo

EXERCÍCIOS

1) Substituindo apenas um fonema de cada vez, forme novas palavras a partir do vocábulo **VIDA**. – substituir o fonema /v/ - substituir o fonema /d/.

2) Identifique o número de letras e o número de fonemas das seguintes palavras:

Vento – varria – folhas – fruto – flores – minha – mais – cheia – cânticos

3) *Classifique os fonemas (vogal, consoante, semivogal) das seguintes palavras:*

Vida – mais – varria

4) *Classifique os ditongos (oral, nasal, decrescente, crescente) que aparecem nas palavras:*

Canção – mais – cheia

1.1.2 2ª Proposta

Livro: CURSO PRÁTICO DE PORTUGUÊS: LITERATURA, GRAMÁTICA E REDAÇÃO

Autor: Luís Agostinho Cadore

Programa Completo – 2º Grau – páginas 54 a 59.

Letras e Fonemas

Antes mesmo de você aprender a escrever, isto é, antes de saber representar os sons emitidos na linguagem falada, você articulava, por meio de fonemas, unidos em sílabas, palavras e orações de sentido completo.

Só depois de alfabetizado é que você soube representar, graficamente, esses fonemas, através de letras.

FONEMA – unidade sonora elementar empregada na língua falada. Para transcrever o fonema usam-se barras. Exemplo: /S/

LETRA – sinal gráfico com que se representam os fonemas. O conjunto de letras forma o alfabeto. Exemplo: C, S, X...são letras que representam o fonema /S/.

Os fonemas da Língua Portuguesa classificam-se em:

- *VOGAIS – fonemas produzidos quando a coluna de ar, que vem dos pulmões, faz vibrar as cordas vocais e, depois, sai livremente pela boca. As vogais podem ser ORAIS e NASAIS.*
- *SEMIVOGAIS – fonemas /i/ e /u/ átonos, isto é, de som mais fraco, que, unidos à vogal vizinha, formam, com ela, uma sílaba: coi-sa, rou-bo, réu, boi, mau, dois*

- **CONSOANTES** – fonemas que, para soarem, necessitam do apoio de uma vogal ou semivogal. Chegam ao exterior com o ruído proveniente da resistência dos órgãos bucais ao fluxo de ar: r, s, p, n, l, t, j, x etc...

...Grupos e Encontros Vocálicos

As palavras *vaidade*, *lousa*, *árduo* e *sabão* encerram, todas elas, um encontro vocálico, o ditongo.

DITONGO – É a combinação de uma vogal e uma semivogal, ou de uma semivogal e uma vogal, na mesma sílaba: *vAI-da-de* *ar-dUO* *IOU-as* *as-bÃO*

TRITONGO...HIATO..

Dígrafos

Você deve ter notado que, na palavra *rA-i-NHa*, duas consoantes permanecem na mesma sílaba: **NH**.

Deve ter notado também que essas duas consoantes, quando pronunciadas, formam um único som.

Elas formam um **DÍGRAFO**...

...SÃO DÍGRAFOS:

CH – *chuvoso* = 7 letras e 6 fonemas

LH – *molhado* = 7 letras e 6 fonemas

NH – *manhã* = 5 letras e 4 fonemas

SS – *pássaros* = 8 letras e 7 fonemas

...

...EXERCÍCIO 1

Dê a classificação de cada fonema das seguintes palavras:

Mais;

Vulcão;

EXERCÍCIO 2

Transcreva o número de letras, fonemas e sílabas de cada vocábulo:

Quente

Folha

Passeio

Agulha

Pessegueiro

EXERCÍCIO 3

Observe os elementos destacados na seguinte lista de palavras e indique onde há: dígrafo, encontro consonantal, tritongo oral, tritongo nasal, ditongo crescente oral, ditongo crescente nasal, hiato.

caCHorro	averigUEI
TRansporte	dragÃO
trídUO	sagUÃO
cAlxa	qUANto
mOído	

1.2 Análise das propostas dos livros didáticos

Não se pretende aqui expor toda a unidade sobre fonética, mas apenas demonstrar **a forma como o conteúdo é abordado** nesses livros e os **tipos de atividades** propostas como forma de verificação do conhecimento e reforço da aprendizagem.

Segundo ZABALA (1998) os conteúdos de aprendizagem só podem ser relevantes na medida em que desenvolvam nos alunos a capacidade para compreender uma realidade que se manifesta globalmente. Nas propostas de trabalho acima o conteúdo está desvinculado de qualquer contexto discursivo. Já que não se interage pelo uso de frases soltas, somente o sentido conferido pela funcionalidade das **ações discursivas** pode emprestar relevância e aplicabilidade à atividade metalingüística de explicitação das regras e de padrões gramaticais. As frases e palavras dessas propostas só terão sentido se forem fragmentos dessas **atuações** e, aí, não é o que ocorre, pois estão soltas.

Por exemplo, apenas apresentar os fonemas da língua, na sua múltipla classificação, como acontece nas duas propostas de livros didáticos acima, é insuficiente e adianta muito pouco para que os alunos compreendam as relações fonema e letra, língua oral e língua escrita, etc.

Abaixo exemplifica-se esta abstração da língua nas duas propostas:

1ª Proposta:

...

Classificação dos fonemas

Existem três tipos de fonemas em português: vogal, semivogal e consoante.

1) **Vogal** – A vogal é o fonema que sai livremente pela boca, não encontrando nenhum obstáculo à passagem do ar pelo aparelho fonador. Na produção das vogais, a boca fica aberta ou entreaberta.

a) *orais* – quando o ar sai somente pela boca: /a/, /e/, /i/, /o/, /u/

b) *nasais* – quando o ar sai pela boca e pelas fossas nasais /ã/, /õ/...

2) **Semivogal** – os fonemas /i/ e /u/, algumas vezes, não são vogais. Aparecem apoiados em uma vogal, formando com ela uma só emissão de voz (uma sílaba). Nesse caso os fonemas são chamados de semivogais: mEU; pAI

3) **Consoante** – é o fonema produzido graças aos obstáculos que impedem a livre passagem do ar. Como o próprio nome indica, a consoante vai soar junto com a vogal (com + soante). Exemplos: /b/, /t/, /d/, /v/, /l/, /m/ etc.

2ª Proposta:

Os fonemas da Língua Portuguesa **classificam-se** em:

- **VOGAIS** – fonemas produzidos quando a coluna de ar, que vem dos pulmões, faz vibrar as cordas vocais e, depois, sai livremente pela boca. As vogais podem ser **ORAIS** e **NASAIS**.
- **SEMIVOGAIS** – fonemas /i/ e /u/ átonos, isto é, de som mais fraco, que, unidos à vogal vizinha, formam, com ela, uma sílaba: coi-sa, rou-bo, réu, boi, mau, dois
- **CONSOANTES** – fonemas que, para soarem, necessitam do apoio de uma vogal ou semivogal. Chegam ao exterior com o ruído proveniente da resistência dos órgãos bucais ao fluxo de ar: r, s, p, n, l, t, j, x etc...

Como se pode observar, as duas propostas tendem a ensinar os aspectos fonéticos de forma isolada, sem contextualização, como se a língua fosse um aparelho doméstico, que para a sua utilização, bastasse ler o seu “manual técnico” e poderia se estar de posse da compreensão do seu funcionamento.

O estudo centrado em classificação de fonemas e listas de palavras para exemplificar o funcionamento da língua não é capaz de responder a questões fundamentais para o ensino da fonética: *a diferença entre a língua oral e a língua*

escrita, de que maneira os fenômenos das variações lingüísticas ocorrem; onde e quando costumam aparecer; e por que ocorrem essas variações; que efeitos o emprego de determinados fonemas trazem para a coerência nesse ou naquele gênero de texto; que consequências traria o mau emprego ou a troca de um fonema por outro em determinado contexto etc. Para responder a essas e outras perguntas não basta um estudo apressado, de quem quer “vencer” o conteúdo, sem um suporte de textos, de muitos textos, para serem minuciosamente analisados.

Segundo Irandé Antunes (em seu livro *Língua, texto e ensino: outra escola possível*.2009, p.37), não existe fala nem escrita autônomas, no sentido de que sua adequação possa ser considerada sem se levar em conta as determinações das situações em que são usadas. A coesão, a coerência, a informatividade, precisam da referência à situação de uso para serem legitimamente avaliadas.

Por exemplo, alguém que procurasse uma receita de bolinhos fritos para tomar um chá, à tarde, com as amigas, e encontrasse no título “Bolinhos da MORTE”, em lugar de “Bolinhos da SORTE”, provavelmente questionaria se esse título estaria coerente neste contexto, mas seria razoável se fosse encontrado no livro de receitas de uma bruxa dos contos infantis. Observa-se então, que a troca de um simples fonema por outro, dependendo do contexto em que está inserido, acarreta em grande mudança de significado.

Não há como inserir as propostas acima em qualquer contexto, já que se limitam em conceito e classificação de palavras, sem qualquer vínculo a alguma situação sócio comunicativa.

As propostas dos livros didáticos acima desconsideram a **funcionalidade da língua**, a sua condição de **prática social interativa** e também desconsideram a atividade de **análise do sentido e da coerência** com que as coisas são ditas:

Observemos agora o exercício 3 da 1ª proposta:

3) *Classifique os fonemas (vogal, consoante, semivogal) das seguintes palavras:*

Vida – mais – varria

Classificar os fonemas em vogal, consoante e semivogal de palavras como **varria**, **vida** e **mais**, não tem nenhum significado para o aluno; é também, uma tarefa simples, que não exige reflexão e análise – basta que o aluno saiba o que é consoante e o que é vogal (convenção que se aprende no 1º ano do Ensino

fundamental) e ir identificando cada letra, sem saber o PORQUÊ e que SIGNIFICADO tem para ele realizar a tarefa, além de um fim em si mesma.

Neste exercício, os alunos podem descartar qualquer tipo de contextualização, não precisam recorrer ao seu conhecimento de mundo, nem precisam analisar os dados, levantar hipóteses de solução, de possíveis alternativas de resposta. Ou É ou NÃO É, as coisas ali estão prontas e definitivas. Não são desafios que aguçam a curiosidade e motivam para maiores descobertas. As atividades são cansativas e repetitivas, tornando o processo ensino-aprendizagem vazio de relações de sentido.

No exercício 3 da 2ª proposta é solicitado aos alunos que identifiquem em uma lista de palavras, uma série de nomenclaturas difíceis de memorizar, como *dígrafo, encontro consonantal, tritongo oral, tritongo nasal, ditongo crescente oral, ditongo crescente nasal e hiato*. Não se observa na sequência das atividades uma progressão adequada na apresentação das dificuldades. Nesta tarefa ele apresenta todas as dificuldades ao mesmo tempo, podendo dificultar e confundir a compreensão do aluno, como se pode observar abaixo:

Observe os elementos destacados na seguinte lista de palavras e indique onde há: dígrafo, encontro consonantal, tritongo oral, tritongo nasal, ditongo crescente oral, ditongo crescente nasal, hiato.

<i>caCHorro</i>	<i>averigUEI</i>
<i>TRansporte</i>	<i>dragÃO</i>
<i>trídUO</i>	<i>sagUÃO</i>

Neste tipo de exercício é normal e aceitável que o aluno confunda o TR “encontro consonantal” da palavra TRansporte, com os “dígrafos” CH e RR da palavra caCHoRRo, já que ambos os fenômenos são representados por duas letras. Os exercícios dessas propostas privilegiam totalmente a forma escrita das palavras, deixando de lado a parte principal que é a da pronúncia dos sons, não estabelecendo relações entre o plano dos fonemas e o plano dos grafemas (letras).

Para exemplificar melhor o que foi dito acima, observe a parte sublinhada no conceito de “dígrafo” que aparece na 2ª proposta:

DÍGRAFOS

Você deve ter notado que, na palavra rA-i-NHa, duas consoantes permanecem na mesma sílaba: NH.

Deve ter notado também que essas duas consoantes, quando pronunciadas, formam um único som.

Se o aluno associar este conceito à separação silábica escrita, e não oral, da palavra CA-CHOR-RO, vai pensar que os dois “erres” em sílabas diferentes não constituem um “dígrafo” e sim um encontro de consoantes.

Uma das alternativas para eliminar essas confusões e facilitar a compreensão dos alunos a respeito desses fenômenos da linguagem, no que tange à língua oral e à língua escrita, é o trabalho com a transcrição fonológica de diferentes textos: letras de músicas, poesias, roteiros de cinema, teatro etc. Mais adiante esse assunto será tratado no capítulo de apresentação da proposta alternativa para o ensino da fonética no 1º ano do Ensino Médio.

Por enquanto, conclui-se que ambas as propostas para o ensino da fonética, retiradas de livros didáticos, privilegiam a aprendizagem repetitiva (fundamentada na memorização de conceitos), sem dar possibilidade aos alunos de atribuir um sentido ao novo conteúdo, sem saber como esse material se relaciona aos seus conhecimentos prévios e à sua vida.

2 USO DAS MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

A tecnologia dos computadores invade gradativamente o espaço escolar. Os professores, pouco a pouco, vão tomando consciência das possibilidades dessa ferramenta como recurso didático em sala de aula. Os alunos, por sua vez, aprendem a manipular o mouse e o teclado, a jogar no computador, a buscar brincadeiras na internet, antes mesmo de aprender a ler. Mesmo os alunos pertencentes às classes menos favorecidas, freqüentam “lan houses”, jogam videogames, criam perfis na Web etc. Este mundo multimidiático é extremamente dinâmico e oferece novas possibilidades de interação e comunicação, através das redes sociais, blogs, bate-papos virtuais e sites onde se compartilham fotos, vídeos ou recursos multimídia.

A escola deve aprender a utilizar esses recursos a favor de uma educação mais democrática, que traga o mundo para dentro da sala de aula através dos meios digitais, ampliando a consciência dos alunos sobre tudo que os cerca, tornando-os mais autônomos na busca de informações, incentivando-os à pesquisa e à análise do material encontrado nos meios de comunicação. É o mundo da sociedade da informação e do conhecimento, e para acompanhá-lo a escola não pode receber os nossos alunos como recebia antigamente, com a mesma metodologia de cópia e leitura e com os mesmos recursos: quadro de giz, apagador, livro didático, caderno, lápis e borracha.

Segundo as pesquisas de Fagundes (2010)³ as crianças nascem nessa cultura informatizada. Elas criam, pesquisam e produzem. Ela afirma que é necessário mudar os modelos de ensino, mas que não se pode dar aula para alunos no computador como se fazia quando tinham lápis e caderno. Pioneira no uso da

³ Fagundes, Léa da Cruz. Tecnologias na educação. In: *Revista TV ESCOLA*, mai/jun. Brasília: Seed/MEC, 2010.

informática educacional no Brasil, Léa diz que estamos vivendo uma revolução mundial.

A maioria das escolas já possui os seus laboratórios de informática e os professores precisam buscar o domínio dessa tecnologia para tornarem as suas aulas mais próximas da realidade dos alunos, mais atraentes e mais produtivas.

A seguir será apresentado um breve relato a respeito da integração das mídias com o ensino da fonética, através da produção de videoclipes pelos alunos, realizada em uma turma de 1º ano do Ensino Médio.

2.1 O videoclipe no ensino da fonética

A palavra videoclipe é uma palavra inglesa introduzida no nosso vocabulário e designa um filme curto, em suporte digital. Devido ao predomínio quase total dos vídeos musicais e publicitários na produção mundial de vídeos curtos – e porque os vídeos publicitários têm uma designação própria – durante algum tempo o videoclipe quase foi sinônimo de vídeo musical. Mas com o aparecimento da internet de banda larga e a difusão de vídeos através dela, a palavra videoclipe tem vindo a regressar em seu sentido original: filme curto.

A pesquisadora que colocou em prática essa proposta pretendia a produção de um videoclipe musical pelos alunos; entende-se como videoclipe um filme curto com os elementos música, letra e imagem interagindo para provocar a produção de sentido. O videoclipe, antes de qualquer coisa, serve para materializar a música. É uma forma de fazer com que a mensagem seja transmitida através da imagem em associação com a música, o que muitas vezes ajuda no entendimento da mensagem. Por isso, não há a necessidade de se ter regras exatas para produzi-lo, basta ter uma câmera na mão, uma música e fazer a mistura de imagens e textos.

Não foi difícil incorporar as tecnologias digitais na elaboração de uma proposta alternativa para o ensino da fonética, devido às inúmeras possibilidades que elas ofereciam para o desenvolvimento do projeto. A idéia era aproveitar o repertório da MPB para trabalhar a transcrição fonológica de suas letras. Para isso seria necessário que os alunos da turma A1 do 1º ano do Ensino Médio do Instituto Estadual de Educação Assis Chateaubriand, na cidade de Charqueadas,

produzissem um “videoclipe”, que permite a combinação de múltiplas mídias – texto, vídeo, áudio, imagens e animação.

O professor neste contexto mediará o processo de construção, intervindo pedagogicamente.

A seguir o processo realizado pelos alunos:

2.1.1 Atividades realizadas pelos alunos

Nesta proposta de produção de vídeos, os alunos realizaram o seguinte percurso:

- Pesquisa na web de diversas músicas brasileiras em vídeos e textos;
- Cópia das letras das músicas;
- Transcrição fonológica das letras das músicas de acordo com o alfabeto fonético trabalhado anteriormente com a turma;
- Busca de imagens na web ou fotografias tiradas pelos alunos - utilizando máquinas fotográficas ou aparelhos celulares - que mais se adaptassem às letras das músicas;
- Montagem de slides juntando as imagens, as transcrições fonológicas das letras e o áudio das músicas utilizando o power point ou o movie maker;
- Apresentação de todas as informações coletadas, de forma dinâmica e criativa através dos vídeos produzidos.

Neste contexto, os alunos deixaram de ser receptores do conhecimento para serem autores e atores do processo ensino aprendizagem. As novas tecnologias serviram de ferramentas para que os alunos incorporassem os seus conhecimentos de mundo, a respeito das canções que estão acostumados a ouvir no rádio, na TV, MP3, ou em vídeos na Internet, aos conhecimentos adquiridos no estudo dos aspectos fonológicos dessas canções.

A aprendizagem desses alunos passou a ser significativa, na medida em que eles atribuíram um sentido ao novo conteúdo, relacionando as canções escutadas por eles no dia a dia, com o estudo dos fonemas que as compunham. A motivação foi constante durante a aplicação da proposta, pois as atividades desenvolvidas - análises de canções, busca de vídeos na internet, busca de imagens e fotos - iam ao encontro dos interesses dos alunos.

2.2 A importância da música para a formação do educando

As práticas de ensino em nossas escolas têm se voltado muito mais para a instrução, do que para a educação do sujeito como um todo. Não se pode privilegiar somente o intelecto, quando existem outros elementos importantes que constituem o ser: o físico, o biológico, o psíquico, cultural, social, histórico e espiritual. Todas essas dimensões precisam ser conhecidas, compreendidas, para que o indivíduo se desenvolva integralmente.

É essencial contribuirmos mais para novos modelos de educação, onde o indivíduo possa conhecer e trabalhar com as suas emoções (TREVISOL, 2004). O ser humano pode ser capaz das maiores atrocidades quando impulsionado por sentimentos de ódio e de revolta, mas também capaz de gestos altruístas, solidários, de misericórdia, perdão e reconciliação. O professor pode contribuir significativamente, através da sua proposta pedagógica, na construção desse sujeito que irá cultivar no seu meio a amabilidade, a ternura, o respeito à dignidade humana.

A música pode ser o elemento que vai ajudar o indivíduo a sintonizar-se consigo mesmo; pode estimulá-lo a descobrir-se, a encontrar, manifestar e desenvolver o que de melhor já existe no seu íntimo; pode auxiliá-lo para ir além dos seus limites, libertando-o dos deveres repetitivos, redutores ou mesquinhos, em casa ou na escola. O adolescente, em fase de descoberta intensa e oscilante vivência emocional, tem que romper certas ilusões, desenvolver o raciocínio abstrato, encontrar um ritmo próprio, um equilíbrio e um acorde ou harmonia interior que o leve a percorrer o caminho escolhido e o auxilie na premência de encontrar alguma explicação para o sentido da vida.

A música é uma poderosa aliada educacional e um estímulo para o aprendizado. Os educadores podem desenvolver projetos de alta qualidade para suas práticas, envolvendo a música. Segundo Paulo Roberto Suzuki (citado por Mariana Parisi⁴), professor e educador na área de computação e criatividade, músico, estudante e pesquisador na área de musicoterapia, pesquisas da neurociência dos últimos dez anos fizeram constatações significativas no processo cerebral em relação à música. A música é um dos estímulos mais potentes para os

⁴ PARISI, Mariana. *Música e Educação: um casamento que dá certo*. Disponível em: <http://www.eaprender.com.br/tiki-smartpages_view.php?pageId=942> Acesso em: 15 out. 2010.

circuitos do cérebro. Além de ajudar no raciocínio lógico-matemático, contribui para a compreensão da linguagem e para o desenvolvimento da comunicação, para a percepção de sons sutis e para o aprimoramento de outras habilidades.

Pesquisas realizadas com o intuito de provar essa característica de estímulo cerebral da música mostram que, depois de meses de aula de piano e canto, crianças mostraram melhores resultados na cópia de desenhos geométricos, na percepção espacial e no jogo de quebra-cabeças do que as que não tiveram aulas de música.

A autora desta pesquisa ao trabalhar com a música para a realização da proposta (Uma proposta alternativa para o ensino da fonética: a produção de videoclipes com a transcrição fonológica da MPB) teve a oportunidade de escutar os adolescentes sobre o que mais gostavam de ouvir, e os motivos que os levavam a essas preferências, que motivações eles tinham, o que pensavam sobre o que ouviam, conheceu assim um pouco mais das suas emoções. Os gostos musicais dos adolescentes podem dar pistas do que se passa no seu íntimo, refletem aspectos da sua personalidade e da sua individualidade; dão indícios importantes acerca de suas idéias e sentimentos, sobre si mesmos, sobre os outros e sobre a vida.

Para a produção dos videoclipes os alunos reuniram-se em grupos de cinco a seis pessoas. Para a escolha da música e das imagens que iriam compor o vídeo, foi necessária muita disciplina, organização, noção de ordem, respeito ao outro e a si mesmo. Como podemos observar, a música estava associada ao processo ensino-aprendizagem. As experiências musicais trazidas pelos alunos uniram-se aos novos conceitos trabalhados desenvolvendo diferentes habilidades como: o potencial criativo, a melhora da comunicação oral e escrita, aprimoramento das relações interpessoais.

Trabalhar com música na educação, além de alegrar, unir, congregar mensagens e valores, disciplinar, socializar e formar o caráter, favorece o desenvolvimento integral da personalidade, o equilíbrio emocional e social do educando.

3 UMA PROPOSTA ALTERNATIVA PARA O ENSINO DA FONÉTICA: A PRODUÇÃO DE VIDEOCLIPES COM A TRANSCRIÇÃO FONOLÓGICA DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

Este capítulo tem por objetivo apresentar o desenvolvimento da proposta alternativa para o ensino da fonética, que foi aplicada na turma A1 do 1º ano do ensino Médio, no Instituto Estadual de Educação Assis Chateaubriand, no município de Charqueadas (RS), em 2008.

3.1 Objetivos da proposta

Os objetivos da proposta alternativa para o ensino da fonética, que teve como culminância a produção de videoclipes pelos alunos da turma A1 do Ensino Médio, estão relacionados a seguir:

- Produzir um videoclipe com a letra e a transcrição fonológica de uma música popular brasileira, para apresentação no computador, em CD ou DVD;
- Apropriar-se da utilização das mídias computacionais como recurso para busca de informações e como ferramenta para a produção de vídeos;
- Familiarizar-se com os símbolos linguísticos que representam os sons da fala, através da transcrição fonológica das letras das canções brasileiras;
- Conhecer a cultura musical de diferentes estados brasileiros;
- Reconhecer os diferentes níveis de linguagem presentes nas canções: culto, coloquial, regional, etc.
- Reconhecer as diferenças entre a língua oral e a língua escrita, através da análise dos símbolos que representam a composição da letra de uma canção e da sua audição;

- Identificar os fonemas pertinentes a nossa língua (consonantais, vocálicos, semivocálicos);
- Identificar, através da audição e da transcrição de palavras de canções, os encontros vocálicos (ditongo crescente, ditongo decrescente, hiato, tritongo);
- Identificar os encontros consonantais (perfeitos e imperfeitos), através da separação silábica das palavras das canções;
- Identificar os dígrafos (vocálicos e consonantais), através da transcrição fonológica dos vocábulos das canções;
- Construir conceitos relacionados ao estudo da fonética - encontros vocálicos, dígrafos, encontros consonantais - através da identificação desses fenômenos nas letras das canções.

3.2 Desenvolvimento da proposta

Neste item será apresentado um breve relato das atividades desenvolvidas nesta proposta alternativa para o ensino da fonética.

1º MOMENTO

- Apresentação da transcrição fonológica da canção “Tocando em Frente” de Almir Sater:

/tokãdu ~ey fr~eti/

/ãdu divaGar purki ja tivi prESa /
 / i IEvu eSi So Rizu /
 /purki ja Xorey dimays/
 / oji mi s~itu mays fOrti /
 / mays felis k~ey sabi /
 / ew SO IEvu a Serteza /
 / di ki muytu powku ew Sey /
 / ew nada Sey /
 / koÑeSer as mãÑas i as mãÑãs /
 / u sabor das maSas e das maSãs /
 / E preSizu amor pra poder puwSar/

/ E preSizu pas pra poder SoRir /
 / E presizu a Xuva para florir /
 /p~eSu ki k~uprir a vida/
 /Seja s~iplism~eti kōpri~eder a marXa/
 /i ir tokâdu ~e fr~eti/
 /komu ~u vE~Lu boyadeyru levãdu a boyada ew vow/
 /tokâdu us dias pela lõga istrada ew vow/

Refrão

/todu m~udu ama ~u dia, todu m~udu XOrã/
 /~u dia a j~eti Xega nu otru vay ~ebOrã/
 /kada ~u di nOs kōpo~y a Sua istÓrya i/
 /kada ser ~e si kaRega o dō di ser kapas/
 /Di ser felis/

- Os alunos ficaram surpresos com a forma escrita e acharam que estavam diante de uma língua indígena ou qualquer outro idioma. Após, foi colocada a canção para que ouvissem e solicitou-se que prestassem atenção na forma como as palavras eram pronunciadas pelo cantor da música. Foi então que perceberam que a forma transcrita era a forma como as pessoas falavam. Foi bastante interessante quando alguns alunos identificaram algumas palavras desse código lingüístico como as que são utilizadas em suas conversas virtuais no MSN, Chat's, Orkut e outros. Foi nesse momento que foram trabalhados os princípios da variação lingüística nos seus diferentes níveis de linguagem.
- Para a identificação dos encontros vocálicos, foi solicitado aos alunos que transcrevessem palavras da música que apresentassem o encontro de vogais, primeiro na mesma sílaba, depois, em sílabas diferentes. Abaixo segue exemplo:

- *Que palavras no texto apresentam o encontro de duas vogais em sílabas diferentes?*

di-as

su-a

compre-ender

- Baseados na identificação desses “encontros” de vogais foi solicitado aos alunos que construíssem um conceito para “encontros vocálicos”.

- Defina *HIATO* baseado(a) nos exemplos acima.

HIATO é.....

- Utilizando o mesmo método os alunos foram identificando os *DITONGOS*, os *HIATOS*, os *TRITONGOS* e, posteriormente, construindo e escrevendo os seus próprios conceitos.

- Que palavras no texto apresentam o encontro de uma *VOGAL* e uma *SEMIVOGAL* (ou vice-versa) na mesma sílaba?

1ª ESTROFE: cho-rEI; de-mAI; mAI; EU; mUI-to;
pOU-co; sE

3ª ESTROFE: bOI-a-da; bOI-a-dEI-ro

4ª ESTROFE: OU-tro; vAI; his-tó-riA

- Defina *DITONGO CRESCENTE* e *DITONGO DECRESCENTE* baseado(a) nos exemplos acima.

- Da mesma forma trabalhou-se para a identificação dos *DÍGRAFOS* e dos *ENCONTROS CONSONANTAIS*.

-Que palavras na letra da música apresentam duas letras para representarem um único som?

1ª ESTROFE: AN-do /Ãdu/
Por-QUe /purKe/
preSSa /preSa
soRRiso /soRizu/
CHorei /Xorey/

- Agora, conceitue *DÍGRAFO* baseado (a) nos exemplos acima.

- Diversas atividades foram realizadas para a fixação e aplicação da aprendizagem destes conceitos, além da transcrição fonológica de vários trechos de músicas com palavras utilizadas no nosso cotidiano.

- Para as transcrições fonológicas foi utilizado um código único que pudesse contentar a todos os sons da fala presentes nas músicas.

Vogais orais:

A /a/

Ê /e/; é /E/

I /i/

O /o/; ó /O/

U /u/

Vogais nasais:

Am – /ã/; em /~e/; im /~i/; om /õ/; um /~u/

an - /ã/; en /~e/; in /~i/; on /õ/; um /~u/

Semivogais:

Pai /paY/ - i /y/

Meu /meW/ - u /W/

Consonantais: /b/; ce e ci /S/; ca-co-cu /k/; /d/; /f/; /g/; /j/; /l/; /m/; /n/; /p/; q /k/; r /r/; rr /R/; s /S/; t /t/; v /v/; x-ch /X/; lh /L/; nh /N/

2º MOMENTO - NO LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA

- Os alunos buscaram na web letras de músicas de diferentes regiões do país, que tivessem em seu contexto a linguagem típica daquela região;
- Buscaram na internet videoclipes das músicas pesquisadas, onde puderam observar através do áudio e das letras das canções, as diferenças entre a língua oral e a língua escrita;
- Observaram as imagens dos videoclipes e fizeram correspondências com o conteúdo das letras;
- Observaram videoclipes sem o áudio e tentaram identificar o conteúdo da mensagem musical;

- Escutaram as músicas sem as imagens e tentaram visualizar mentalmente como seria o videoclipe daquela canção;
- Fizeram as transcrições fonológicas das músicas pesquisadas, de acordo com o alfabeto fonético combinado. Após as transcrições das letras, foram capazes de identificar semelhanças e diferenças fonéticas de uma região para outra de um lugar para outro e de um indivíduo para outro;
- Os alunos divididos em grupos de cinco ou seis pessoas escolheram a letra de uma música para fazerem a transcrição fonológica. Para isso utilizaram como recurso a pesquisa na internet através de sites musicais como: VAGALUME, YOUTUBE e outros;
- Após as transcrições das letras e revisão dos possíveis erros, eles montaram slides no editor de apresentações POWER POINT com os versos da letra original da música e logo abaixo, como aparecem nas traduções de músicas em outro idioma, colocaram a transcrição fonológica de cada verso;
- Depois chegou o momento de buscarem imagens na WEB que correspondessem às partes da música transcrita. Alguns alunos optaram por tirar suas próprias fotos para a confecção dos slides.
- Os últimos passos foram adicionar aos slides a música escolhida como fundo musical e depois salvar em CD ou DVD para apreciação do professor e dos demais alunos.

Os alunos foram avaliados durante todo o processo de realização das atividades até a sua culminância, com a apresentação dos videoclipes. Ao fazerem a análise da transcrição fonológica da canção “Tocando em Frente” de Almir Sater, podia-se perceber o nível de dificuldade dos alunos e fazer as intervenções necessárias para que atingissem um outro nível de compreensão.

Após analisarem os aspectos fonéticos da música, os alunos foram apropriando-se dos símbolos que representavam cada unidade da linguagem oral, através da transcrição de trechos de outras músicas propostas pelo professor. Ao observar que os alunos apresentavam dificuldades comuns, como por exemplo, nas representações dos ditongos crescentes e decrescentes, /historYA/ e /XorEY/, eram propostos novos exercícios que sanassem aquele problema. No caso, a AVALIAÇÃO, realizada a todo o momento, servia como ponto de partida para a tomada de decisões no desenvolvimento do trabalho.

Foi estipulado um tempo flexível para a realização de cada tarefa proposta pelo professor, e no final de cada período, os alunos apresentavam um relato das suas produções, acompanhados das dúvidas que surgiam durante o processo. Esse procedimento, além de evitar a dispersão do foco do trabalho e o distanciamento dos objetivos em questão, proporcionava a troca de experiências entre os alunos, ajudando-os na solução de questionamentos comuns.

A utilização do computador e das suas ferramentas, como recurso didático para essa proposta, foi fundamental para a construção do conhecimento e sucesso do processo ensino-aprendizagem.

Na produção dos vídeos os alunos foram avaliados:

- Por todos os elementos envolvidos no projeto, através de uma ficha de avaliação e de autoavaliação entregue aos alunos no dia da apresentação final dos trabalhos; os alunos ao verem os vídeos dos colegas, anotavam possíveis erros para serem discutidos depois da apresentação: as transcrições das letras das músicas podiam ser alteradas após as produções dos vídeos (recurso oferecido pelas mídias de computação);
- Pela criatividade, originalidade, sincronia entre a técnica, o conteúdo (texto e imagem) e a escolha do software adequado;
- Pela responsabilidade, pontualidade e comprometimento do grupo na realização da tarefa.

No dia da apresentação dos trabalhos percebia-se o nível de satisfação e entusiasmo dos alunos por poderem mostrar a produção de seus vídeos. Diferente de outros tipos de trabalho, onde os alunos não querem participar da apresentação, faziam questão de serem os primeiros a serem chamados.

Para a produção dos vídeos, alguns alunos tiraram fotos dos colegas do grupo, em lugares estratégicos que representassem os espaços onde se

desenvolveriam as ações do filme musical. Este fato serviu para levantar a autoestima de alguns alunos, que não tinham um bom desempenho e um bom rendimento na disciplina de Língua Portuguesa. Sentiram-se importantes ao verem as suas imagens no clipe e capazes de realizar um trabalho técnico, e ao mesmo tempo, criativo e dinâmico.

3.3 Reflexões sobre o trabalho com a língua

Ao fazer esta pesquisa inicialmente a respeito de como são propostas as aulas de fonética nos livros didáticos, constatou-se que este conteúdo se apresenta desenvolvido através de muita TEORIA GRAMATICAL: classificações e subclassificações, regras e exceções; teorias sobre as diferenças entre fonética e fonologia, entre som e fonema; entre esses dois e letra; entre letra e grafema; entre encontro consonantal e dígrafo; entre encontro consonantal perfeito e imperfeito; entre dígrafo vocálico e dígrafo consonantal; entre hiato, ditongo, tritongo etc.

Segundo Luft (1985, p. 104) estamos cansados de ver o resultado desse apego a conteúdos de Gramática: teoria gramatical é exatamente o que o aluno não aprende (talvez psicologicamente programado a rejeitá-la por um mecanismo de defesa do seu conhecimento intuitivo), ou então, aprende fragmentariamente, regrinhas soltas, que perturbam a comunicação livre e autêntica. De tanto ouvir definições e conceitos confusos e incoerentes, classificações e subclassificações, regras e exceções; de tanto enfrentar análises herméticas; de tanto ser obrigado a decorar coisas que não entende ou que são estranhas ao seu uso, e até ao uso das pessoas mais cultas, o aluno vai sendo linguisticamente arruinado. Convence-se de que sua língua é um universo esotérico, só acessível a iniciados.

Geraldi (1996) salienta que o ensino tradicional de Língua portuguesa investiu, erroneamente, no conhecimento da descrição da Língua supondo que a partir deste conhecimento cada um de nós melhoraria seu desempenho no uso da língua. No caso do ensino da fonética, descrever conceitos e as regras que diferenciam um “ditongo crescente” de um “ditongo decrescente”, um “dígrafo” de um “encontro consonantal”, um “dígrafo vocálico” de um “dígrafo consonantal”, um “hiato” de um “ditongo”, para serem lidos e decorados, não vão melhorar o desempenho lingüístico dos alunos.

Ainda, para Geraldi (1996), o conhecimento gramatical (estudo da estrutura, conceitos e regras pertinentes à língua) é necessário somente para aquele que se dedica ao estudo da língua e ao seu ensino, para que possa exercer dignamente o seu ofício de construir situações adequadas para aquele que quer aprender a usar a língua, selecionando inclusive quais desses conhecimentos lhe são necessários. Ensinar exclusivamente o conteúdo gramatical aos alunos não vai torná-los leitores críticos e bons escritores.

Outro aspecto nocivo do ensino da língua materna orientado pelo teorismo gramatical é a postura servil que incute nos estudantes diante de pretensas autoridades, dos que ditam a Gramática e comandam as regras, como se estas não fossem imanentes à língua, dispensando qualquer gramático, ou como se os gramáticos fossem os donos da língua (LUFT, 1985, p. 103).

Se for para ensinar fonética (os sons da fala e suas representações simbólicas), não se pode desconsiderar os dialetos, os registros, a diferença entre a língua oral e a língua escrita, ou seja, as variações lingüísticas que ocorrem de lugar para lugar, de grupo para grupo, de falante para falante. Por exemplo: afirmar arbitrariamente em um livro didático que a palavra “avião” apresenta um “hiato” e um “ditongo” (a-vi-ão), e não um “tritongo” (a-vião), como se observa na pronúncia de alguns falantes, constitui um erro, já que o estudo da fonética é, antes de mais nada, uma representação da língua oral.

Ainda segundo Luft (1985), o ensino de qualquer teoria gramatical, tradicional ou moderna, com termos oficiais ou não, consome naturalmente largas fatias de tempo, prejuízo irrecuperável para professores e alunos: um tempo precioso que deveria ser ganho na **prática** da língua, é utilizado em definições e classificações discutíveis, análises canhestras e superadas, exercícios gramaticais sem objetivo, etc. Por força da referida sobrecarga não sobra tempo para o que realmente interessa: estudos de vocabulário, semântica, sintaxe mais elaborada, recursos e técnicas de expressão, interpretação e redação de textos, etc. Mil coisas importantes do funcionamento efetivo da língua, que podem ser assimiladas por indução de modelos e treinamento intensivo, isto é, pela PRÁTICA e não por teorias. Essa prática é que seria um passo importante no caminho certo, colaborando para melhorar o poder comunicativo dos alunos, na escrita e na fala, objetivo em que fracassa o ensino tradicional.

A boa comunicação verbal não tem nada a ver com a memorização de regras de linguagem nem com a disciplina escolar que trata dessas regras, e que geralmente, em nossas escolas, toma o lugar que deveriam ser as aulas de português: leitura, comentário, análise e interpretação de bons textos, e tentativa constante de produzir pessoalmente textos bons (LUFT, 1985, p. 21).

No caso do ensino da fonética, o aluno poderá aprender este conteúdo praticando a transcrição fonológica de textos em áudio e vídeo - videoclipes de músicas pertencentes ao seu universo, ou não, ampliando também a sua cultura musical; vídeos referentes às diversas áreas do conhecimento: história, geografia, matemática, artes, ciência etc; filmes de curtametragem; trechos de filmes escolhidos de acordo com o interesse do grupo e outros. Assim, os alunos estarão inseridos em uma situação sócio-comunicativa, desenvolvendo e aprimorando os seus conhecimentos linguísticos, refletindo sobre o uso da língua, nesta ou naquela ocasião.

Para Luft (1985), o talento de bem falar e escrever tem a ver com a “gramática natural”, o sistema de regras que formam a estrutura da língua, e que os falantes interiorizam **ouvindo e falando**. No manejo pessoal de tais regras é que se revelará o talento maior ou menor de cada indivíduo, determinando toda a escala tão variada, de artistas da palavra. Importa comunicar, e para isso é preciso dominar, o mais automaticamente possível, o sistema de regras, do meio de comunicação. Isso não tem a ver com a gramática apresentada de forma didática, lista de regras normativamente impostas ao aluno, num método que normalmente ignora variantes idiomáticas, ajustamentos às circunstâncias da comunicação etc.

Se o ensino da fonética for baseado na transcrição fonológica de textos variados que circulam nos diversos meios de comunicação, os alunos perceberão que a própria leitura desses textos já será, em muitos aspectos, diferente da forma em que estão escritos. Por exemplo: “**ando devagar**” será /ãdu divagar/. Aprenderá que existem variações lingüísticas de acordo com as situações sócio-comunicativas. Os textos transcritos por eles serão um verdadeiro laboratório de aprendizagem, onde através de comparações e de análises das formas oral e escrita das palavras, farão novas descobertas, construindo e reformulando conceitos.

Durante e ao final dessa análise espera-se que os alunos sejam capazes de:

- Identificar as diferenças entre a língua oral e a língua escrita; percebendo que não haveria língua escrita se não houvesse a língua falada, que a

escrita é um sinal secundário representativo da fala, que por sua vez expressa o pensamento;

- Saber que a língua é dinâmica, está sempre em evolução, varia no espaço, no tempo, de lugar para lugar, região para região e também de falante para falante;
- Sentir-se como elemento participativo e integrante no estudo da língua, pois ela faz parte do nosso comportamento social, ou seja, dos diversos textos que emitimos ao longo do dia e que os registros escritos dos textos que circulam nos meios de comunicação, trabalhados ou não na escola, são reproduções de situações interativas entre diferentes sujeitos, em diferentes situações comunicativas.

Portanto, o professor de língua materna deve levar em consideração no seu planejamento de ensino que a linguagem está constantemente em mudança e sempre relacionada a uma atividade social, ou seja, ao seu uso. A língua é uma atividade funcional; Isto é, as evidências nos dizem que nenhuma língua existe em função de si mesma, desvinculada do espaço físico e cultural em que vivem seus usuários ou independente de quaisquer outros fatores situacionais. As línguas estão a serviço das pessoas, de seus propósitos interativos reais, os mais diversificados, conforme as configurações contextuais, conforme os eventos e os estados em que os interlocutores se encontram. A língua está vinculada a ações e atuações comunicativas; isto é, a língua é um modo de ação, uma forma de prática social e deve ser explorada na escola, com objetivos bem definidos e sempre de forma contextualizada.

CONCLUSÃO

Uma proposta alternativa para o ensino da fonética, através da transcrição fonológica das letras das músicas populares brasileiras, aplicado no 1º ano do Ensino Médio, surgiu da tentativa de tornar o aprendizado deste conteúdo mais significativo para a vida dos estudantes. Tal proposta contrapõe-se ao ensino dos livros didáticos aqui analisados. Verificou-se através da análise das propostas dos livros didáticos que o ensino da fonética, nesses manuais, tende a ensinar os aspectos da língua de forma isolada, sem contextualização, centrado na classificação de fonemas e em listas de palavras para exemplificarem o funcionamento da língua, não acontecendo, na maioria das vezes, o processo ensino-aprendizagem pela dificuldade que os alunos encontram de relacionar o conteúdo a sua vivência.

Para a produção dos videoclipes os alunos utilizaram diversos recursos de mídia: visitaram diferentes sites de músicas de diferentes regiões brasileiras, assistiram aos vídeos das músicas, copiaram as letras, buscaram imagens e montaram os slides que serviram para a elaboração do clipe. O desempenho e o nível de interesse dos alunos foram gradativamente aumentando à medida que pesquisavam e surgiam novas descobertas a respeito das suas canções favoritas e dos seus autores, bem como de todo o processo que envolveu a produção dos vídeos.

Portanto, apresentou-se aqui uma possibilidade de se trabalhar o conteúdo de fonética com uma metodologia que partiu da reflexão investigativa dos fenômenos linguísticos detectados nas músicas populares brasileiras. Ao fazerem as transcrições fonológicas das letras de diversas canções, os alunos analisaram e compararam as formas lingüísticas que apareciam em uma e em outra canção e encontraram elementos de uma mesma classe de fenômenos, construíram conceitos através dos contrastes entre a língua oral e a língua escrita, aprenderam a utilizar

diferentes recursos de mídia e desenvolveram suas habilidades nesta área, tornando-se neste contexto agentes da própria aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto, e ensino: outra escola possível.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

AZEVEDO, Elisa de Mello Kerr. **Concepção de Carl Rogers sobre aprendizagem.** Disponível em: <<http://elisakerr.wordpress.com/concepcao-de-aprendizagem-de-carl-rogers/>> Acesso em: 05 set. 2010.

CADORE, Luís Agostinho. **Curso prático de português.** 3.ed. São Paulo, Ática, 1995.

DORIGONI, Gilza Maria Leite; SILVA, João Carlos da. **Mídia e Educação: o uso das novas tecnologias no espaço escolar.** Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1170-.pdf?PHPSESSID=2009071614562546>> Acesso em: 03 out. 2010.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação.** São Paulo, ALB, 1996.

GESTAR II. **Programa da Aprendizagem Escolar - Língua Portuguesa: Caderno de Teoria e Prática 1 - TP 1: linguagem e cultura.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

LUFT, Celso Pedro. **Língua e liberdade: por uma nova concepção da língua materna e seu ensino.** Porto Alegre, L&PM, 1985.

OLIVEIRA, Abílio. **Perscrutando a harmonia perdida – a música na adolescência.** Disponível em: <<http://biosofia.net/2006/06/22/perscrutando-a-harmonia-perdida-%E2%80%93-a-musica-na-adolescenciaz>> Acesso em: 11 out. 2010.

PARISI, Mariana. **Música e Educação: um casamento que dá certo.** Disponível em: <http://www.eaprender.com.br/tiki-smartpages_view.php?pageId=942> Acesso em: 15 out. 2010.

ROGERS, Calrs R. **Liberdade de aprender em nossa década.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

TREVISOL, Jorge. **O reencantamento humano: Processos de ampliação da consciência na educação.** 2.ed. São Paulo, Paulinas, 2004.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda, 1998.